

ENTREVISTA | JEITENDRA TRIPATHI

Colaboração mútua: a chave para o sucesso de emergentes

Cônsul da Índia no Brasil estimula o compartilhamento de conhecimentos

Janir Holanda

Baseado em São Paulo, o cônsul-geral da Índia no Brasil, Jeitendra Tripathi, é um otimista em relação às vantagens que parcerias entre os dois países podem render, seja no campo do comércio ou da diplomacia. Ele acredita que os quatro países que formam o BRIC estarão entre as seis principais economias do mundo até 2050 (México e EUA seriam os outros dois).

Índia, Brasil, Rússia e China são países em desenvolvimento cujo destino comum os levou a serem classificados como BRICs. O senhor pensa que essa classificação se manterá sustentável? E que as quatro grandes nações poderão, de fato, constituir um grupo político e econômico de forte atuação mundial?

— Os quatro países que formam o BRIC contam com mais de 42% da população mundial e ocupam cerca de 26% do planeta. Possuem eco-

nomias de rápido desenvolvimento e figuram entre as dez primeiras nações do mundo em área, população, PIB, reservas de divisas, consumo de energia e uso de serviços habilitados por TI. Também ultrapassaram as previsões quanto à participação na economia global, que era de 10% até 2010, já tendo registrado 15% em 2008. É provável que a diversidade das economias, pela qual o grupo já foi criticado, termine sendo um fator complementar para os membros do BRIC. Enquanto Índia e China lideram os resultados industriais, Rússia e Brasil possuem vantagens em recursos naturais e minerais. Também se estima que, mesmo sob a taxa atual de crescimento desacelerado, os quatro países do BRIC estarão entre as seis principais economias do mundo até 2050 (México e EUA seriam os outros dois).

No Brasil, e no mundo ocidental em geral, a visão que se tem da Índia é a dos extremos: cultura milenar convivendo com alta tecnologia; a miséria contrastando com a riqueza

Divulgação



>> Perfil

Jeitendra Tripathi
O cônsul-geral da Índia atua em São Paulo desde outubro de 2008. Fez pós-graduação em Ciências Políticas e é formado em Direito. Tripathi entrou no Departamento de Relações Exteriores em 1981, tendo estudado alemão e húngaro. Já serviu em embaixadas e consulados da Índia em Zâmbia, nas Maldivas, na Hungria, na Suécia, na Venezuela e em Omã, antes de assumir o consulado geral no Brasil.

das grandes corporações; competentes mulheres executivas contrapondo-se às figuras das deusas mitológicas. Qual é, afinal, a verdadeira Índia?

— Como já se indicou, os denominados contrastes ou contradições na Índia dependem do observador e da sua observação. Na Índia, todos os séculos coexistem, mas é importantíssimo notar que vivem em harmonia em uma sociedade bem coesa. A Índia é como o famoso elefante que quatro cegos percebem de forma diferente, segundo a parte do corpo que tocam. Como não podem ver o animal, ou tocá-lo como um todo, a percepção é sempre incompleta. A Índia é um país tão bom ou ruim quanto qualquer outro, mas com a diferença de que é uma nação jovem com uma civilização antiga e preservada. A cultura milenar e a alta tecnologia vivem lado a lado e ambas encontram suas raízes no sistema de valores indianos. A verdadeira Índia é como um grande rio: quanto maior for seu trajeto, mais braços terá e maior variedade de água fluirá por ele.

Que chances reais tem de ser eleita primeira-ministra da Índia a governadora de seu estado, Uttar Pradesh, mesmo sendo Mayawati Kumari uma "intocável"?

— A Índia é uma democracia na qual todos os que são legalmente aptos podem concorrer em uma eleição, inclusive para presidente. Esta não é a primeira vez que um líder dalit concorre para um alto cargo. No passado, membros da comunidade dalit ocuparam altos escalões, como ministro de Defesa, Relações Parlamentares e Nacionais. Um dalit já foi eleito até mesmo para o cargo mais alto, de presidente da República. Portanto, as chances são igualmente justas para todos. O líder de qualquer partido que vence a maioria das cadeiras no Lok Sabha (a Casa do Povo) pode ser eleito primeiro-ministro da nação. Portanto, a Sra. Mayawati, a chefe do ministério de Uttar Pradesh, também tem uma boa chance, se seu partido obtiver a maioria no Parlamento ou se ela for apoiada pela maioria.

“Os quatro países do BRIC deverão estar entre as seis principais economias do mundo até 2050. México e EUA seriam os outros dois

“Um dalit já foi eleito para o cargo mais alto, de presidente da República. Portanto, as chances são justas, para todos

O que Índia e Brasil têm em comum? E o que podem vir a aprender um com o outro?

— São democracias com economias em desenvolvimento. Começaram como economias agrárias e estão tentando desenvolver uma base industrial ampla e sólida. Valorizam a família, são conscientes de seu potencial inerente e perceberam sua relevância no mundo. Dessa forma, estão preparadas para cumprir um papel mais construtivo e progressista a nível interno e global. Não usarei a palavra “ensinar” neste contexto, porque dá a ideia de que uma é mais elevada que a outra. Mas diria assistir ou compartilhar, que transmite a ideia de igualdade. O enorme talento da Índia em TI, medicamentos, ferrovias, ciência espacial, maquinaria pesada e desenvolvimento de indústrias de pequena escala são alguns setores nos quais a Índia pode assistir o Brasil. Do mesmo modo, o Brasil pode ser de grande ajuda para a Índia no campo de geração de energia, bio-combustível, mineração, conservação de frutas, alimentos etc.

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Oportunidades de sucesso globalizado

Brasil e Índia têm potencial para lucrar com expansão do mercado

João Carlos Momesso*

Fatos levam a uma reflexão sobre necessidades e oportunidades de crescimento do negócio farmacêutico no âmbito do BRIC: a população de 2,9 bilhões (ou 42% do mundo em 2009) para 3,2 bilhões em 2020; o aumento da perspectiva de maior longevidade; e a consequente necessidade de maiores recursos para a saúde e melhoria do acesso à tecnologia. Ou seja, há uma absoluta convergência para potencialidades de países em desenvolvimento.

A recente crise financeira mundial abriu uma janela para tornar o mundo mais multipolar — e o BRIC é peça-chave neste cenário. O crescimento será maior que o do G-7. O sistema internacional vigente, construído há 65 anos, será totalmente diferente. O BRIC liderará a recuperação do tropeço especulativo e de exacerbada volúpia consumista que acabou explodindo em 2008/2009. A classe média é cada vez mais expressiva no bloco, exigindo qualidade de vida e consumo. Serão, aproximadamente, entre 400 milhões e 500 milhões de pessoas a mudar de patamar de consumo na próxima década. É uma classe média que deve trocar o

modelo conservador dos últimos 60 anos, passando a buscar mais qualidade de vida. E, para isso, a saúde é fundamental.

Neste sentido, iniciamos com uma visão das oportunidades de crescimento do negócio farmacêutico, traçando um paralelo entre o Brasil e a Índia em função dos avanços ocorridos entre os dois países desde 1999. O Brasil tem mais atributos de um país desenvolvido que os demais do BRIC em termos socioeconômicos. Porém, peca pela morosidade em se desenvolver na tecnologia de fármacos. Já a Índia precisa avançar com mais rapidez e mudanças profundas em termos socioeconômicos, mas tem acelerado fortemente no processo de expansão da tecnologia farmacêutica. O Brasil sofre e sofrerá com os talentos gerenciais, pois forma quantidade e não premia a qualidade, abrindo uma enorme fenda entre o tempo de treinar a nova geração e a aposentadoria da experiente geração passada.

Atuação em parceria

O Brasil deve se beneficiar da já existente base tecnológica dos indianos, através da transferência de tecnologia e da abertura do capital de empresas locais aos mesmos. Os



MEDICAMENTOS – Redução de custos e alta qualidade podem ser resultado de parceria Índia-Brasil

indianos, participando do gerenciamento e tendo acesso ao mercado brasileiro, adicionarão à sua base de conhecimento as particularidades de um mercado tão complexo como o brasileiro. Isso permitirá a abertura de uma janela para outros mercados, quer seja latino-americano ou de outros países em desenvolvimento. A biotecnologia, as drogas para o sistema nervoso central, para o câncer, para as doenças de Parkinson, Gaucher, esclerose múltipla, Alzheimer, coração e anticoncepcionais — cujas tecnologias e matérias-primas são importadas — são nichos de absoluta oportunidade, uma vez que de-

mandam altos custos e crescerão em consumo mais do que o próprio crescimento da população.

Não há outro remédio para a indústria farmacêutica local e para quem paga o medicamento senão reduzir custos e aumentar qualidade. E esta alternativa passa pela parceria com a Índia. Temos casos de sucesso como a empresa Torrente, instalada no Brasil há pouco mais de cinco anos, que, bem projetada, já ocupa lugar de destaque no ranking nacional. A Cellofarm, atuando no segmento hospitalar, segue o mesmo padrão de sucesso. Entretanto, outras em maior número não seguiram este caminho, incluindo-se algumas

que já deixaram o país.

Do lado do Brasil, quais devem ser as oportunidades para uma reciprocidade com a Índia no âmbito farmacêutico? Pouco se pode fazer a curto e médio prazos. Entretanto, um segmento não pode se fechar em si. Se fazemos fortes parcerias na indústria farmacêutica, recebendo da Índia, podemos e devemos fornecer como contrapartida nossa experiência no segmento sucro-alcooleiro, de infra-estrutura, de agricultura, de autopeças, entre outras.

(*) João Carlos Momesso é engenheiro e sócio-diretor da MIT Partners/Consultores Associados.